

Cercadinho do Alvorada: uma ameaça ao *ethos* do jornalista e à liberdade de imprensa¹

Tatiana Oliveira de Abreu

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio
Departamento de Comunicação Social – Bacharelado em Jornalismo

Resumo

Este artigo procura observar de que modo os ataques sofridos por jornalistas no exercício de seu trabalho durante a cobertura no Cercadinho do Alvorada, no Palácio do Alvorada, residência oficial do presidente da República, constituem uma ameaça ao jornalista e à liberdade de imprensa no Brasil. O presente trabalho se insere no subcampo das Teorias do Jornalismo, e utiliza os conceitos de jornalismo e de construção do *ethos* do jornalista em Michael Kunczik (2002) e Nelson Traquina (2005). A partir de uma pesquisa bibliográfica e entrevistas em profundidade, concluímos que, mesmo sem censura oficial, os ataques do presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores a jornalistas constituem uma ameaça à liberdade de imprensa, garantida pelos artigos 5º e 220º da Constituição Federal e no Código de Ética dos jornalistas, e ao próprio *ethos* do jornalista.

Palavras-chave: Jornalismo; Ethos; Liberdade de imprensa; Cercadinho; Bolsonaro

1. Introdução

Os primeiros relatos jornalísticos surgiram entre o fim do século XV e o início do XVI, motivados pela criação da imprensa por Guttenberg em 1438, com notícias ainda manuscritas que tinham o objetivo de relatar transações comerciais e financeiras (PEUCER, 2004; TAMBOSI, 2004). No século XVII, o jornalismo seria chamado de “Filho da Modernidade” por Tobias Peucer, quando as notícias já eram vistas como mercadorias a partir do advento da economia e da produção industriais (BURKE, 2003, apud TAMBOSI, 2004). Mas o jornalismo comercial como o entendemos hoje somente tomou forma no século XIX. O período compreendido entre os séculos XV a XVIII foi marcado por profundas transformações nos padrões sociais e pela racionalização do pensamento. É neste contexto que a liberdade de expressão passou a ser discutida, e as ideias de

¹ Artigo derivado de monografia de graduação em Jornalismo, orientada pela professora Carmem Petit, entregue em dezembro de 2021.

liberdade de pensamento e de comunidade surgiram como valores. As liberdades de expressão e de imprensa passaram a ser entendidas como essenciais para a formação de uma sociedade crítica.

[...] a problemática de liberdade de expressão deve ser entendida como estando presente noutros direitos fundamentais que concretizam aquele direito nos vários domínios da vida social, como sejam a liberdade de participação política, a liberdade religiosa, a liberdade de aprender e ensinar, a liberdade de criação e divulgação da obra artística, etc. Estes têm por finalidade actualizar a liberdade de expressão nos vários subsistemas de acção social. (MACHADO, 2002, p. 16)

A liberdade de expressão pode ser caracterizada pela busca da verdade e do saber, sem desprezar o pensamento individual, tendo como limite o ponto em que não se pode ultrapassar ou agredir os direitos fundamentais do outro. A liberdade de imprensa pressupõe não restringir previamente publicações já que todo cidadão tem direito à informação. Pilares das democracias liberais, ambas têm sido alvo de ataques por regimes autoritários. No entanto, a imprensa se impõe como potência ao lidar diretamente com tentativas - algumas bem-sucedidas - de cercear sua atuação. Cabe destacar que não apenas o Estado pode ameaçar a liberdade de imprensa, mas também a propriedade e concentração dos meios de comunicação nas mãos de poucos grupos e o recente processo de financeirização da mídia, caracterizado pela aquisição de veículos de comunicação por grupos financeiros, exercem pressão constante sobre o trabalho cotidiano de jornalistas.

A transformação do jornalismo em atividade profissional ocorreu por volta de 1830, quando o jornalismo começou a se desprender das funções políticas e a lutar pela liberdade da imprensa (AGUIAR; BARSOTTI, 2016). Foi durante o século XIX que, para Traquina (2005), passaram a ser identificados novos valores do jornalismo, "a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço público" (TRAQUINA, 2005a, p. 34).

Vários fatores contribuíram para fazer do século XIX a "época de ouro" da imprensa: 1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; e 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia. (O'BOYLE, 1968, apud TRAQUINA, 2005a, p. 35)

O período foi marcado também pelo avanço da tecnologia que iria impactar toda a história do jornalismo ao longo dos séculos seguintes. No século XX, com mais recursos e autonomia, a imprensa passou a ser "a vista da nação" (BARBOSA, 1990, p. 5) dando luz a um importante valor da cultura jornalística: o imediatismo (TRAQUINA, 2005a),

que ganhou mais destaque no século XXI, com a chamada web 2.0, quando houve um avanço da internet.

Todo esse processo ocorreu com um movimento de superação da verdade, chamado de pós-verdade², em que as pessoas abandonam o conteúdo objetivo e passam a se pautar por crenças pessoais e subjetivas. Ainda no século XXI, acompanhamos novamente a ascensão do populismo, com polarização política, criando um ambiente hostil no qual a mídia e os jornalistas são constantemente atacados, e os valores democráticos ameaçados. Este retrocesso desponta em diversas partes do mundo.

Ao comentarem o período que se inicia em meados da primeira década do século XXI e vem até os dias de hoje, autores têm se referido a uma *recessão democrática* ou *retrocesso democrático*. (...) Em todos os casos, a erosão da democracia não se deu por golpe de Estado, sob as armas de algum general e seus comandos. Nos exemplos acima, o processo de subversão democrática se deu pelas mãos de presidentes e primeiros-ministros devidamente eleitos pelo voto popular. (BARROSO, 2020, p. 86)

A partir das manifestações de 2013, o Brasil mergulha em uma crise de representação em relação à política institucional, com sinais claros de ameaça ao exercício do jornalismo, crescimento da pauta conservadora e normalização do candidato à presidência Jair Bolsonaro, conhecido pelas posições favoráveis à ditadura e contra grupos LGBTQIA+, indígenas e negros (VARONI, 2021).

Eleito democraticamente por voto popular no ano de 2018, Bolsonaro ganhou simpatizantes com um discurso conservador, de oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT), à TV Globo e ao próprio sistema político, prometeu reformas liberais na economia e acabar com a corrupção no país. Recém-eleito, discursou afirmando que o novo governo viria a ser um “defensor da Constituição, da democracia e da liberdade”. No primeiro ano de governo, seus posicionamentos já demonstravam inclinação para o radicalismo³ no tratamento dado a jornalistas.

² De acordo com o dicionário Oxford, o adjetivo está relacionado a circunstâncias em que as pessoas respondem mais a sentimentos e crenças do que aos fatos. Mais informações em Oxford AdvancedLearner'sDictionary. Disponível em:

<https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/english/post-truth> Acesso em 16/11/2021

³ Utilizamos aqui a palavra radicalismo no sentido apontado por Barroso de que “[...]se manifesta em comportamentos de intolerância e agressividade, pelos quais se procura negar ou retirar direitos daqueles que pensam de maneira diferente”. (BARROSO, 2020, p. 87)

Esta pesquisa tem como intuito observar o impacto dos ataques sofridos por jornalistas no exercício de seu trabalho durante a cobertura no Cercadinho do Alvorada⁴, localizado no Palácio do Alvorada, residência oficial do presidente da República. O 'Cercadinho', assim batizado pelas pessoas, refere-se ao local escolhido pelo presidente para falar com seus apoiadores ao entrar e sair do Alvorada. A imprensa passou a cobrir o local por identificar uma oportunidade de questionar o político, já que o mesmo não fazia entrevistas coletivas. No entanto, discutiremos durante o trabalho como as atitudes do presidente Bolsonaro de fomentar agressões e xingamentos aos profissionais de imprensa transformaram o Cercadinho em uma das imagens mais emblemáticas da hostilidade e desprezo pela atividade jornalística e pelo trabalho dos jornalistas na história recente do país. A tensão se intensificou no ano de 2020, definido como "um ano sombrio para a liberdade de imprensa no Brasil" pela organização não-governamental Repórteres Sem Fronteiras (RSF), que contabilizou 580 casos de ataques contra a imprensa. Jair Bolsonaro e os filhos foram responsáveis por 85% dos ataques de autoridades do governo à imprensa e, sozinho, o presidente respondeu por 103 ofensas, ou seja, 19% (UM..., 2021).

O presente trabalho se insere no subcampo das Teorias do Jornalismo, utilizando os conceitos de jornalismo trazidos por Tobias Peucer (2004) e de construção do *ethos* do jornalista em Michael Kunczik (2002) e Nelson Traquina (2005). Utilizamos como metodologia neste trabalho a pesquisa bibliográfica, que envolve a identificação e entendimento do pensamento dos autores sobre o *ethos* do jornalista e o histórico da profissão, e entrevistas qualitativas em profundidade com profissionais que trabalham e trabalharam como setoristas⁵ na cobertura do Palácio do Alvorada visando a uma maior aproximação da realidade do local e aproximação com o objeto do Cercadinho (DUARTE; BARROS, 2010).

Para a coleta dos depoimentos, a pesquisadora se deparou com algumas limitações. Mesmo sob a condição de preservar o anonimato, alguns profissionais ficaram reticentes. Por recomendações internas dos veículos nos quais trabalham e receio de possível perseguição por parte de apoiadores do governo, nove não responderam e quatro jornalistas negaram o pedido desta pesquisadora ou ficaram inseguros com a

⁴A ideia de cercadinho não é nova, refere-se ao local destinado aos profissionais de imprensa em coberturas específicas. No entanto, no governo Bolsonaro, o local ficou conhecido pelo ambiente hostil de grande ameaça contra a imprensa e seus profissionais pelo presidente e seus apoiadores.

⁵Jargão jornalístico utilizado em referência ao repórter que cobre notícias de um determinado setor da sociedade. No caso desta pesquisa, são setoristas do Palácio do Alvorada.

contribuição para o trabalho. As tentativas de contato foram feitas com 18 profissionais de diversos veículos, destes apenas cinco aceitaram participar da pesquisa.

Importante ressaltar que o período de análise atravessa o ano de 2020, em que o mundo sofreu com a pandemia da covid-19, doença que causou grave crise sanitária mundial. Além de danos sanitários e para a saúde da população, o vírus da covid-19 resultou na mais avassaladora onda de *fake news* já registrada, desde que o termo se popularizou em 2016 (ROSA, 2020). A imprensa, no entanto, continuou trabalhando na linha de frente para combater a desinformação. Não bastassem os impactos econômicos e sociais da pandemia no país, a segunda dificuldade em relação ao seu enfrentamento foi a atitude negacionista e a irresponsabilidade política do governo Bolsonaro que vieram a somar-se à agenda reacionária em curso. (LOLE; STAMPA; GOMES, 2020)

Para esta pesquisa, procuramos entender em que medida a hostilidade a profissionais jornalistas no espaço conhecido como Cercadinho do Alvorada configura uma ameaça à liberdade de imprensa e qual seu impacto sobre o *ethos* do jornalista. O trabalho retoma conceitos de liberdade de imprensa e analisa os impactos para a prática do jornalismo no Brasil e no Cercadinho do Alvorada. A partir disso, apresenta uma discussão sobre a construção e formação do jornalista como profissional e as transformações da imprensa, explorando os possíveis conflitos de relações dentro do trabalho. Na terceira parte, analisamos mais detidamente a relação do presidente com a imprensa, as condições de trabalho e os ataques aos jornalistas na cobertura do Cercadinho do Alvorada.

2. Cerceamento e ataques à liberdade de imprensa no Brasil

O princípio da liberdade se tornou sagrado ao ser impulsionado no século XVIII, em 1789, pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que define os direitos individuais e coletivos dos homens como universais. A declaração registra no artigo 11 que “a livre comunicação dos pensamentos e das opiniões é um dos direitos mais preciosos do homem; todo cidadão pode, pois, falar, escrever, exprimir-se livremente, sujeito a responder pelo abuso dessa liberdade nos casos determinados pela lei” (EMBAIXADA, 2017).

O movimento gerou o debate da liberdade em diversas áreas do conhecimento, como a comunicação. Em meados do século XIX, surge o chamado Quarto Poder, termo criado por um deputado do Parlamento inglês, Thomas Babington Macaulay (1800-1859), que seria responsável por fiscalizar os abusos e violações de direitos pelos três poderes

originais: Legislativo, Executivo e Judiciário (TRAQUINA, 2005a). Dali em diante, a profissão teria um duplo papel na sociedade.

Com a legitimidade da teoria democrática, os jornalistas podiam salientar o seu duplo papel: como porta-vozes da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade que deveriam ser tidas em conta pelos governos, e como vigilantes do poder político que protege os cidadãos contra os abusos (históricos) dos governantes. (TRAQUINA, 2005a, p. 48)

O efetivo papel do jornalismo deve, portanto, estar inserido em um regime democrático. "A afirmação da nova legitimidade jornalística ocorre perante o antagonismo do poder político, inserido num processo secular em luta pela liberdade, e, subsequentemente, pela conquista de uma nova forma de governo: a democracia" (TRAQUINA, 2005a, p.42-43). A Unesco considera a liberdade de imprensa e de informação fundamento crucial para a democracia, o desenvolvimento e o diálogo, assim como pré-condição para a proteção e a promoção de todos os outros direitos humanos (UNESCO, s/d).

Dois documentos são importantes para compreender os direitos e limitações do trabalho jornalístico. A Declaração dos Deveres e Direitos do Jornalista, adotada em 1971, e o Código de Ética, aprovado em 1987. Neste, são estabelecidos o direito à informação, à conduta profissional do jornalista, a responsabilidade profissional do jornalista e a aplicação do Código de Ética. Logo no artigo 5º fica definido que a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação e a aplicação de censura ou autocensura são um delito contra a sociedade (BARBEIRO; LIMA, 2002, p. 160).

Em regimes democráticos, a liberdade de expressão, pensamento e manifestação são vistos como pilares essenciais. Sendo assim, "a democracia não pode ser imaginada como um sistema de governo sem liberdade, e o papel central do jornalismo, na teoria democrática, é de informar o público sem censura" (TRAQUINA, 2005a, p. 22). A Constituição Brasileira de 1988 marcou a redemocratização do Brasil e, nos artigos 5º e 220, destacou a garantia à liberdade de expressão e condenou a censura. Como podemos observar nos artigos:

Art. 5º, IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

Art. 5º, IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

Art. 5º, XIV – é assegurado a todos o acesso à informação e resguardo do sigilo da fonte, quando necessário ao exercício profissional; [...]

[...] Art. 220 – A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo, não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.

2º – É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. (CONSTITUIÇÃO, 1988)

No Código de Ética dos Jornalistas, o Art. 4º reforça que o direito à informação e a prestação de informações pelas instituições públicas, privadas e particulares, cujas atividades produzam efeito na vida em sociedade, são uma obrigação social (BARBEIRO; LIMA, 2002). Deslegitimar o trabalho da imprensa foi uma das formas de o presidente Jair Bolsonaro atacar os meios de comunicação, os jornalistas, a liberdade de imprensa e o direito à informação.

No caso do presidente Jair Bolsonaro, podemos destacar dois fatores que se confrontam com a liberdade de imprensa: o discurso de ódio e o comportamento no Cercadinho do Alvorada, tema deste trabalho. O *hate speech*⁶, ou discurso de ódio, é um fenômeno social com diferentes formas de manifestação. Um dos seus objetivos é intimidar os jornalistas, por exercer sua profissão, e gerar ameaças.

A liberdade de trabalhar era comprometida diariamente à medida que os repórteres, cinegrafistas e jornalistas não se sentiam completamente seguros em relação a estarem ali, isto já comprometia a cobertura. Ao fazer uma determinada pergunta, os apoiadores estão ali do lado e eles estavam ouvindo o que você estava perguntando. Isto poderia gerar, como gerou, hostilidades, xingamentos e ofensas.⁷

De acordo com a Organização Repórteres Sem Fronteiras, o comportamento do presidente faz parte de uma estratégia definida para provocar desconfiança em relação ao trabalho dos jornalistas, destruir sua credibilidade e, gradualmente, construir a imagem de um inimigo comum (COMO..., 2020). Neste sentido, o Cercadinho do Alvorada pode ser interpretado como uma ferramenta da política de ódio estimulada por Bolsonaro contra os jornalistas, com efeito direto sobre os apoiadores do presidente. Um exemplo dessa hostilidade estimulada foi registrada pelo jornal Folha de S. Paulo, que suspendeu a cobertura naquele espaço após apoiadores gritarem para os jornalistas: "Ó o lixo, ó o lixo, ó o lixo" e "Escória! Lixos! Ratos! Ratazanas! Bolsonaro até 2050!

⁶ De acordo com o dicionário Cambridge, *hate speech*, ou discurso de ódio, é um discurso público que expressa ódio ou incentiva a violência contra uma pessoa ou grupo com base em algo como raça, religião, sexo ou orientação sexual. Mais informações em Cambridge Dictionary disponível em <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/hate-speech> Acesso em 04/11/2021.

⁷Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 08/11/2021.

Imprensa podre! Comunistas" - enquanto outros gritavam repetidamente "mídia lixo" (FOLHA suspende..., 2020). Sobre o constrangimento profissional e as agressões sofridas no espaço do cercadinho, dois profissionais ouvidos para esta pesquisa não percebem uma ameaça à liberdade de expressão ou de imprensa:

A gente sempre se sentia hostilizado. Alguns colegas discordavam, mas eu achava que isso fazia parte do jogo. Eles tinham direito de gritar, na minha opinião. A gente tem que manter a calma e tentar fazer o nosso trabalho. Não precisava ser ofendido, embora fosse totalmente (ofendido). A gente só queria alguma resposta do presidente e era para isso que a gente estava lá.⁸

A questão do cerceamento ali tem mais a ver com o constrangimento que a situação provocava do que propriamente sentir sua liberdade cerceada. A liberdade você tinha, você poderia fazer a pergunta e sair do local também. A situação de constrangimento ali era 100% ocasionada pelo ofício que você estava desempenhando. (...) Então, não era só a questão de estar ali e perguntar ou não. Mas, sim, o trabalho da imprensa era o que incomodava, e não a pergunta. Era a própria existência da imprensa.⁹

O discurso de ódio e o comportamento do presidente no cercadinho, além de provocar desconfiança quanto ao jornalismo, contribuíram para o esgotamento emocional de jornalistas.

3. A tensão no papel do jornalista

A definição do que constitui um jornalista vem sendo formada, aprimorada e revista com o passar dos anos e a evolução de seu trabalho no campo da comunicação. O desenvolvimento do jornalismo como profissão ocorreu de maneira gradual, sendo inicialmente uma profissão formada por "homens que não tinham conseguido ser advogados, médicos, professores" durante o século XIX (O'BOYLE, 1968, apud TRAQUINA, 2005a, p. 77). O jornalismo era visto como um primeiro passo para outras carreiras e não uma profissão de direito próprio e tal desprestígio ocasionou a demora do desenvolvimento da qualificação profissional. A mudança somente viria com o início da formação profissional impulsionada pela imprensa de massa em meados do século XIX. A primeira escola de jornalismo surgiu nos Estados Unidos, em 1869, quando "a nova figura do repórter, em particular através dos correspondentes de guerra, contribuiu para uma afirmação do jornalismo como profissão" (TRAQUINA, 2005a, p. 93).

⁸ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

⁹ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 08/11/2021.

Já no Brasil, a primeira escola de jornalismo foi fundada por Cásper Líbero em 1943 (HIME, 2004) e, em 1969, o Decreto-Lei 972 dispôs sobre a atividade profissional do jornalista, estabelecendo a obrigatoriedade do diploma de curso superior. Fatos esses que significaram um maior reconhecimento da profissão que, aos poucos, levaram à construção de respaldos legais visando a elaboração de direitos e deveres do profissional. No entanto, desde junho de 2009, a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista foi derrubada pelo Supremo Tribunal Federal (ABREU, 2009).

Com o processo de profissionalização, os jornalistas passam a ter dois objetivos essenciais: o de maior liberdade e autonomia e um estatuto social como o identificado em outras profissões. O avanço dos meios de comunicação e a necessidade do imediatismo da notícia exigiram, em meados do século XX, a presença dos repórteres no local da notícia e uma cobertura em tempo real (AGUIAR; BARSOTTI, 2016, p. 200).

Os conflitos entre as questões éticas e as características pessoais serão chamados de “conflitos intrapapéis” por Kunczik, quando existe um embate entre os valores próprios e o valor do departamento editorial do veículo para quem o jornalista trabalha. (KUNCZIK, 2002). O jornalista, então, passa pelo dilema de separar as questões pessoais e profissionais, fatores que são confundidos, principalmente, quando se refere a críticas e opiniões pessoais. Nesse sentido, em relação ao objeto em análise desta pesquisa, Bolsonaro utiliza características e relações pessoais dos profissionais para deslegitimá-los, constrangê-los e agredi-los, como nos episódios em que disparou contra jornalistas: ‘Vocês são uma espécie em extinção’, ‘Você tá falando da tua mãe?’, ‘Ô barbudo! Desafia.’, ‘Quem age dessa maneira merece uma outra banana hein! [gesto de banana]’, ‘Você dorme comigo?!’, ‘Cala a boca, não te perguntei nada!’ (FENAJ, 2020). O discurso da autoridade foi reproduzido não somente no cercadinho como compartilhado em redes sociais.

No cercadinho, Bolsonaro se aproveita de condições que ele impõe, como distância dos profissionais de imprensa, escolher as respostas que serão respondidas e o cercadinho apertado para deixar os profissionais mais vulneráveis enquanto exerce sua posição de poder em segurança. A partir das questões levantadas por Kunczik (2002) para analisar o objeto desta pesquisa, observamos que a tensão em meio a uma crise sanitária em 2020 contribuiu para o adoecimento de jornalistas. Além de violência no trabalho, assédio moral de gestores, pressão psicológica e ataques à imprensa na cobertura nas

ruas (FERREIRA, 2020), muitos jornalistas relataram problemas mentais como ansiedade, depressão e insônia (SILVA, 2020).

Alguns colegas começaram a ficar com pânico com a possibilidade de apanhar. E alguns pediram para sair da cobertura. Esse clima estava ficando muito pesado, tinha gente quase deprimida de ser ofendida todo dia.¹⁰

Historicamente, o jornalismo era exercido, em sua maioria, por homens, e o ingresso das primeiras mulheres jornalistas ocorreu apenas no século XIX (KUNCZIK, 2002). O fato tem relação com os conflitos intrapapéis citados por Kunczik pois, segundo ele, os papéis como o sexo e a idade são sempre ativos nas interações sociais, e por isso influenciam no papel ocupacional. No entanto, características consideradas femininas como fragilidade, delicadeza e maternidade tornaram as mulheres o principal alvo de preconceitos e desvalorização dentro da profissão. No Brasil, existem mais de 15 mil mulheres na imprensa, para cerca de 27 mil homens jornalistas (COURI, 2021). Minoria também na cobertura do Cercadinho do Alvorada, apenas uma dentre as seis jornalistas procuradas por esta pesquisa aceitou dividir sua experiência. De acordo com a pesquisa Mulheres no Jornalismo Brasileiro, realizada por Abraji e Gênero e Número, cerca de 83,6% das jornalistas já sofreram algum tipo de violência psicológica nas redações, e 92,3% delas afirmaram ter ouvido piadas machistas em seu ambiente de trabalho (GÊNERO E NÚMERO; ABRAJI, 2017).

O presidente da República, muitas vezes, direciona seus ataques para mulheres jornalistas, deixando clara sua postura misógina¹¹. Os ataques "(...) são uma parte importante de uma forma de governar que diz que as mulheres devem ficar em casa, que a imprensa deve ficar quieta e que o povo deve ficar ignorante" (BERTHO, 2021). Em 2020, 64 mulheres jornalistas foram vítimas de violência em decorrência do exercício profissional (FENAJ, 2021). Até os dias de hoje, jornalistas têm a capacidade questionada e a posição de trabalho repensada apenas por serem mulheres. "Em algumas coberturas, eu já senti da chefia não querer mandar, como manifestações, por exemplo".¹²

¹⁰ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

¹¹ De acordo com o dicionário Michaelis, misoginia é antipatia ou aversão mórbida às mulheres. Mais informações em Michaelis Online. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/misoginia/>. Acesso em 23/11/2021.

¹² Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 17/11/2021.

A maneira de reportar a notícia se transformou com o avanço de tecnologias e os equipamentos mais acessíveis e compactos, como o smartphone. Um dos jornalistas entrevistados para esta pesquisa contou que, certa vez, foi pedir uma entrevista para o então deputado Jair Bolsonaro. Ao ser perguntado se era da imprensa, o jornalista respondeu positivamente e, em seguida, o parlamentar mostrou o próprio celular que estava conectado à rede social Facebook, dizendo: “Eu não preciso falar com você, olha a minha imprensa aqui”¹³. Se, por muito tempo, o jornalista foi visto como “guardião da verdade”, em tempos de pós-verdade os fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais.

É justamente numa era de exponenciação de informação, e correspondentemente da sua fragmentação, que os jornalistas profissionais se tornam mais necessários. (...) Os jornalistas não apenas filtram a informação relevante, mas simultaneamente e sobretudo dão-lhe um cariz de informação colectiva, destinada a todos e com o intuito de induzir a um conhecimento colectivo de determinado evento. (FIDALGO, 2009)

A popularização dos celulares mudou também a maneira de compartilhar mensagens de ódio, notícias falsas e ofensas contra os profissionais de imprensa. Durante a pandemia da covid-19, mensagens falsas e de menosprezo à gravidade da doença foram propagadas com incentivo do chefe de governo. A desinformação teve impacto direto sobre o exercício da liberdade de expressão, o trabalho dos jornalistas e dos meios de comunicação, e o direito dos cidadãos à informação pública (BARATA, 2020). A rápida proliferação de notícias falsas e descontextualizadas originou o termo “desinfodemia”, que significa, de acordo com a Unesco, uma pandemia da desinformação, que deveria ser enfrentada com uma imprensa livre, independente e plural (UNESCO, 2020).

Muitas vezes, os agentes disseminadores dessa epidemia de desinformação foram pessoas públicas, ocupantes de cargos públicos e autoridades. Em entrevista no dia 27 de março de 2020, Jair Bolsonaro descredibilizou a imprensa, sob aplausos e gritos de apoio: “Tem uma coisa pior que coronavírus, sabe o que é? Midevírus! (...) Que que é o remédio promidevírus? Desligar a televisão!” (FENAJ, 2021). A preocupação da mídia em comunicar a gravidade de um novo vírus foi apontada por ele como sensacionalista. Dois dias depois de classificar a covid-19 como uma “gripezinha”, Bolsonaro, durante pronunciamento em cadeia nacional, voltou a dizer que os meios de comunicação eram responsáveis por espalhar o medo do vírus para a população:

¹³Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 12/11/2021.

Grande parte dos meios de comunicação espalhou uma sensação de pavor, tendo como carro-chefe o grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso (...) Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que a histeria se espalhasse em nosso país. (COMO..., 2020)

A consequência das agressões, pessoais ou profissionais, aos jornalistas foi relatada por Patrícia Campos Mello, repórter da Folha de S. Paulo, que publicou em 2018 uma reportagem denunciando empresários que patrocinaram campanha contra o PT nas eleições pelo WhatsApp (MELLO, 2018). Desde então, a jornalista é alvo de difamações, perseguições e ameaças pelas milícias digitais¹⁴: "Penso várias vezes se vale a pena escrever. E suponho que muitos jornalistas estejam experimentando a mesma sensação e de alguma maneira acabam se autocensurando." (MELLO, 2020, p. 101)

4. Cercadinho do Alvorada

Não havia segurança. A retórica e as ações cada vez mais agressivas contra a imprensa, por parte do presidente, de seus filhos e alguns aliados, funcionam como um sinal verde para apoiadores passarem dos insultos às vias de fato. O ato extremo demonstra a gravidade da situação. Foi a primeira vez que veículos de mídia, em comum acordo, deixaram de mandar repórteres cobrirem coletivas presidenciais por motivo de segurança. (MELLO, 2020, p. 202)

Cercadinho é um local conhecido dos jornalistas e da imprensa no geral, onde normalmente é improvisado um ambiente para um político ou porta-voz dar entrevistas na entrada e saída de um evento, por exemplo. É comum que políticos tenham uma relação não muito amigável com a imprensa. No entanto, tradicionalmente, os presidentes da República no Brasil mantinham uma sala de imprensa para realizar entrevistas coletivas com jornalistas.

Desde antes de ser eleito presidente da República, Jair Bolsonaro já indicava uma desconfiança da imprensa, muitas vezes colocando-a como vilã. No período em que Bolsonaro foi deputado federal, um setorista conta que, "já tinha um pouco de hostilidade porque dois assessores geralmente filmavam tudo o que a gente conversava com ele ou até vigiava nossos computadores e anotações para ver o que era escrito." E

¹⁴Utilizamos aqui o termo milícias digitais no sentido apontado por Patrícia Campos Mello de que "Trata-se de uma forma nova de censura, terceirizada para exércitos de *trolls* patrióticos repercutidos por robôs no Twitter, Facebook, Instagram e WhatsApp". (MELLO, 2020, p. 92)

quem fazia a cobertura da vida política do parlamentar “já sentia que os apoiadores dele estavam sendo incentivados e radicalizados por ele mesmo”.¹⁵

Por ocasião de sua posse como presidente, em 2019, foram criados alguns obstáculos para a cobertura de veículos de imprensa. Os profissionais ficaram em média sete horas fechados em uma sala, sem poder se deslocar entre pontos de Brasília, com acesso limitado a água e banheiros (RIBEIRO, 2019). O governo determinou os pontos de acesso da imprensa alegando questões de segurança. No entanto, essa foi uma postura que podemos considerar seletiva por parte do governo. Do mesmo modo que os grandes e pequenos veículos de imprensa “tradicionais” eram tratados com desdém e sem dignidade de trabalho, alguns “jornalistas” ou blogueiros, considerados favoráveis a Bolsonaro, tiveram acesso irrestrito na posse. É o caso de Allan dos Santos, criador e editor do site Terça Livre. Ele e outros blogueiros próximos de Bolsonaro, que durante sua campanha espalharam notícias falsas, foram credenciados como “mídia alternativa” e tiveram acesso privilegiado, podiam circular por várias áreas da cerimônia. Uma reportagem publicada pelo site The Intercept Brasil denunciou que Allan dos Santos recebia cerca de R\$ 100 mil mensais para fazer a defesa do governo em sua plataforma de mídia e em redes sociais (FILHO, 2020).

Jair Bolsonaro não manteve sala para coletiva de imprensa nem demonstrou interesse em fazê-lo. Desde o início de 2019, no primeiro ano de mandato, o presidente começou a fazer paradas ao entrar e sair do Palácio do Alvorada para conversar com apoiadores. No local, Bolsonaro permanecia por cerca de 40 a 50 minutos, tirava fotos, ouvia palavras de apoio e era filmado em transmissões ao vivo nos canais de comunicação de seus “fãs”. Após os primeiros meses, as paradas se intensificaram e, sem coletivas para questionar as ações do presidente e do governo, a imprensa resolveu ir para o espaço em busca da notícia. “A gente estava no comitê quando ele botou ao vivo no Facebook dele que estava conversando com apoiadores na frente do Alvorada. Então, eu pensei ‘se a gente for para lá, vai conseguir falar com ele também... é uma oportunidade’”¹⁶.

No início, a imprensa se misturava entre os apoiadores, “não tinha aquela guerra, não tinha nem divisão direito”.¹⁷ Neste momento, o ambiente ainda era considerado “tolerável” pelos jornalistas, os cidadãos que iam até o local eram famílias. As paradas na entrada do Alvorada se tornaram parte da rotina dos profissionais de imprensa, que

¹⁵Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

¹⁶Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

¹⁷Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

passaram a aguardar o presidente por volta das 8h todos os dias, quando os horários não mudavam sem aviso prévio. Com o tempo, mais apoiadores passaram a ir até o local com intuito de falar com o presidente, tornando-se até mesmo parte do roteiro de agências de turismo.

Os ataques e o desrespeito com os jornalistas eram constantes e, com mais pessoas no local, os profissionais começaram a se sentir inseguros, havia até o receio de surgir alguém armado. “Eu sabia que a qualquer momento alguém podia dar um murro ou tentar alguma coisa. (...) Às vezes é foda ficar ouvindo que você é um merda o dia todo. Tinha que respirar muito”¹⁸. As ameaças aumentaram e houve muitos pedidos da imprensa para colocar um raio-X na entrada e fazer adaptações na organização do local, como quando foi criada uma divisão entre apoiadores do presidente e os profissionais. Os setoristas entrevistados nesta pesquisa relataram contato frequente com o Gabinete de Segurança Institucional (GSI), responsável pela segurança do local. No entanto, além de mudar a localização da imprensa, os jornalistas ficavam mais afastados do presidente e, de acordo com os setoristas, os repórteres deveriam posicionar os gravadores e microfones antes da chegada de Bolsonaro.

Foi feita uma divisão, que nós batalhamos muito para ter. (...) Mas eles não queriam dar sossego para os jornalistas e mudaram a localização dos cercadinhos. Os apoiadores ficavam mais perto do portão que saía o carro (do presidente), porque assim ele podia parar e falar só com apoiadores e seguir reto da gente. Como fez várias vezes, como aconteceu de esperar três ou quatro horas e ele passar direto.¹⁹

Os jornalistas eram submetidos a condições adversas, sob sol e chuva, além da falta de informações claras sobre os acessos do local e intimidações dos apoiadores. “Às vezes exigia o crachá, às vezes não. Era esta confusão. (...) tinha um outro ponto em que a gente tinha que se identificar, botar o nome e CPF. E isto também era um problema porque começaram a pedir outras informações”.²⁰

Devido ao ambiente hostil e ameaças constantes, outro ponto reivindicado e conquistado pela imprensa foi uma fila separada dos apoiadores na entrada do Alvorada (Fig. 1). O local foi separado por um gradil de ferro conforme a tensão aumentou. A sala de

¹⁸ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

¹⁹ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

²⁰ Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 01/11/2021.

imprensa, por exemplo, não tinha segurança própria para o local. Segundo relatado pelos setoristas, o local era vulnerável, e a imprensa sentia medo de estar sendo vigiada.

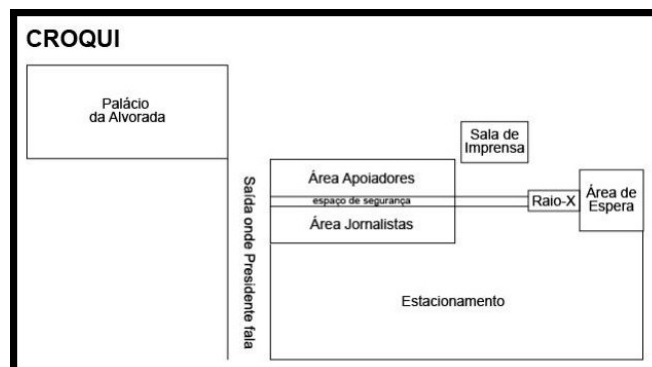


Figura 1 - Mapa do cercadinho do Alvorada visto de cima²¹

Um marco na piora da postura do presidente foi a partir do final de 2019, quando as investigações sobre as acusações de prática de “rachadinha” pelo filho do presidente e então deputado estadual, Flávio Bolsonaro, começaram a avançar. Bolsonaro aumentou a frequência e gravidade dos ataques contra os profissionais de imprensa no cercadinho, limitando o trabalho dos jornalistas no local.

Durante os primeiros três meses de 2020, a organização Repórteres Sem Fronteiras registrou ao menos 32 casos de ataques do presidente Bolsonaro contra jornalistas e à imprensa em geral, uma média de um a cada três dias (COMO..., 2020). Se por um lado o chefe de governo parecia responder o que lhe era perguntado (quando assim queria), por outro ele não se impôs em relação às agressões verbais por parte de seus apoiadores contra os jornalistas e, ao se irritar com os questionamentos, passou a ser mais grosseiro e intolerante com os jornalistas. Esta atitude seguia o ideal pregado durante toda a sua campanha política de desmerecer o trabalho da imprensa e não tolerar questionamentos.

A conduta do presidente provocou uma onda de ataques e cerceamento à liberdade de imprensa no país. Com o acirramento das tensões no cercadinho, o local, que tinha pouco espaço e mínimas condições de trabalho, passou a ser chamado de “chiqueirinho” ou “curralzinho”. Segundo o relatório Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, Bolsonaro, sozinho, foi o responsável por 114 ofensas genéricas e generalizadas, além de sete casos de agressões diretas a jornalistas, totalizando 121 ocorrências. “A postura do presidente da República – ou melhor, a falta dela – mostra

²¹Imagem retirada da reportagem Plantão no Palácio da Alvorada: tarefa de alto risco. Publicada em 25/05/2020. Disponível em <http://www.abi.org.br/plantao-na-alvorada-tarefa-de-alto-risco/> Acesso em 02/11/2021.

que, de fato, a liberdade de imprensa está ameaçada no Brasil. O chefe de governo promove, por meio de suas declarações, sistemática descredibilização da imprensa e dos jornalistas” (FENAJ, 2021).

Sob fortes ameaças, a cobertura do local começou a trazer dilemas para os profissionais da imprensa. “A cobertura do cercadinho gerou um dilema ético e colocou a gente na berlinda por reproduzir falas do presidente.”²² Embora a maioria dos setoristas concordassem que “na cobertura do presidente, tudo que ele fala é importante”, outros rebatiam que grande parte das matérias geradas eram um discurso de ódio contra a imprensa que poderia fomentar mais ódio na sociedade.

Tinha uma época que nem ele (Bolsonaro) tentava muito, no geral, conduzir a entrevista. Ele começava a falar ‘Ah, mas a primeira pergunta estranha ou primeira pergunta atravessada... eu vou embora’. Às vezes ele chegava e falava ‘ah, hoje eu só vou falar disso’ ou ‘Hoje eu não vou falar disso’. E a gente ficava questionando ‘mas a gente vai perguntar ou não?’ e fica um dilema porque você quer aproveitar o presidente ali. Então, será que é melhor a gente aceitar a imposição dele, não fazer uma pergunta e conseguir fazer outras que vão ser de interesse público?²³

Os jornalistas buscaram formas de se proteger juntos, trocando experiências entre si, combinando perguntas, andando juntos pelo Alvorada, levando reclamações para o GSI e em contato com suas chefias. “Era importante estar lá e observar, entender essa dinâmica. O presidente falava e incentivava a violência contra a gente. Às vezes ele respondia nossas perguntas e às vezes não falava.”²⁴ Como fonte e entrevistado, o presidente poderia não querer responder alguns questionamentos, no entanto, fomentar a violência e ofender os jornalistas significava um desrespeito e uma agressão contra o trabalho da imprensa.

O ambiente piorou em maio de 2020, quando grupos bolsonaristas passaram a fazer manifestações antidemocráticas contra instituições como o Supremo Tribunal Federal (STF) e o Congresso Nacional. Uniformizados com as cores da bandeira do Brasil, camisas com apologia às armas, o nome e o rosto do presidente e até mesmo o nome do grupo organizado, segundo os setoristas, o grupo era sistematizado para agredir os

²²Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 12/11/2021.

²³Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 01/11/2021.

²⁴Repórter setorista de um jornal em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 11/11/2021.

profissionais de imprensa. Em 25 de maio de 2020, o Grupo Globo e, em seguida, o Grupo Folha decidiram, em decorrência da falta de segurança e do aumento das agressões aos profissionais de imprensa, que iriam parar provisoriamente de colocar suas equipes para as coberturas no Alvorada. A medida foi seguida também pela Band, Correio Braziliense e Metrôpoles (FOLHA..., 2020).

Foi um dia que estava com muita gente lá, muito apoiador. Foi uma coisa que eu nunca tinha visto, tinha tanta gente que eles tiveram que separar os apoiadores em dois grupos. Após falar com os apoiadores, Bolsonaro não foi embora. Na hora que gritamos por ele, Bolsonaro falou alguma coisa como 'não vou falar com vocês, vocês não prestam'. O pessoal que estava lá do outro lado (do cercadinho) se juntou com o outro cercadinho e começaram a xingar muito, muito, muito. Ficou um clima realmente meio pesado, de se sentir ameaçado. Muita gente parando, só xingando, xingando, xingando.²⁵

Neste episódio, a imprensa abriu mão do agora, valor obsessivamente perseguido que se manifesta por meio do culto ao flagrante, do ao vivo e da atualização frenética nos sites de notícias (AGUIAR; BARSOTTI, 2016). A medida também significou a dispensa dos critérios de noticiabilidade, ou seja, um conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou assunto tem potencial para se tornar notícia (TRAQUINA, 2005b) A saída da imprensa gerou novos dilemas e discussões entre os jornalistas. Os que foram a favor alegam que, com mais xingamentos e agressões do que notícias efetivamente, não havia mais o que cobrir no local a não ser os xingamentos e falas de ódio do líder de governo.

O ganho jornalístico estava cada vez menor porque ele quase nunca falava e o risco estava aumentando. Quando eles decidiram sair, eu fiquei meio dividido, mas talvez tenha sido a decisão certa porque não estava mais valendo a pena, em algum momento poderia acontecer alguma coisa ruim.²⁶

Já outros jornalistas não concordaram por significar uma perda de espaço e de oportunidade de comunicação com o presidente. "A gente perdeu para a Foco do Brasil²⁷ e para ele mesmo (o presidente). O que já tinha uma percepção dele de que não precisava da imprensa, virou uma certeza. A gente perdeu espaço."²⁸ A imprensa, portanto, passou a consumir o conteúdo das *lives* e canais ditados por apoiadores do

²⁵Em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 01/11/2021.

²⁶Em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 01/11/2021.

²⁷De acordo com o Foco do Brasil no YouTube, tanto o site quanto o canal são "de conteúdo jornalístico das ações do Presidente da República, de seu governo e do nosso Brasil." Na descrição, o perfil ressalta o "compromisso com a verdade" e o crescimento "natural", "sem recurso financeiro de políticos, empresários ou quem quer que seja". Mais informações em <https://www.youtube.com/c/FocodoBrasil/about>. Acesso em 21/11/21.

²⁸Em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 12/11/2021.

presidente para acompanhar o Alvorada. Se antes a imprensa tinha receio de o presidente pautar o noticiário com a escolha de assuntos e perguntas, tal fato se concretiza ao acompanhar o conteúdo dos apoiadores. A notícia passa a ser ditada, construída e editada pelo presidente, em conjunto com seus fãs, e sem os critérios jornalísticos dos profissionais de imprensa. Ao perder o espaço de questionamento, alguns jornalistas, ainda que emocionalmente esgotados, perceberam que a saída acabou por representar uma derrota do lado da imprensa.

A gente perdeu esse espaço para fazer perguntas incômodas para ele. Tenho certeza que todos passaram por um desgaste emocional. Mas depois rapidamente me convenci de que foi um erro muito grande (...) O nosso papel é estar lá, o papel da imprensa é perguntar para o presidente. E é mentira que não rendia nada. Ele sempre fazia um comentário. De lá do Alvorada não saía só groselha, saía a notícia também.”²⁹

Após três dias da saída da imprensa do Alvorada, a posição do general Augusto Heleno, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, foi de que os jornalistas deveriam “fingir que não ouviram” quando não fossem ofendidos por manifestantes, já o presidente chamou de “vitimismo” (HELENO..., 2020). Por parte da imprensa, havia impedimentos para colocar segurança particular, por exemplo, por ser uma área federal. No entanto, de acordo com os setoristas ouvidos nesta pesquisa, isto não foi sequer cogitado.

Não procuraram saber da gente o que a gente precisava para estar mais seguro ali, e para mim a coisa mais hipócrita da história é que tiraram a gente do cercadinho que é onde ele parava e para as vezes até hoje, mas mantiveram a cobertura em locais abertos como a portaria de algum ministério. Nesses locais abertos, é zero segurança. (...) Nas redações inclusive quem não sentia à vontade, podia trocar (de editoria). As orientações eram sempre não bater boca com ninguém, se afaste e registre.”³⁰

Semanas depois da saída da imprensa, os apoiadores ganharam mais um cercadinho (ANDRADE, 2020). No entanto, com o fim das coberturas in loco do cercadinho, Bolsonaro diminuiu a frequência com que parava para dar declarações diante das grades de ferro e poucos são os profissionais de imprensa que permaneceram frequentando o local.

²⁹Em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 12/11/2021.

³⁰Em entrevista à autora desta pesquisa por chamada de vídeo em 12/11/2021.

5. Conclusão

Em um cenário de constante precarização do trabalho da imprensa e de mudanças tecnológicas que têm impacto direto sobre o modo de produção jornalística, este trabalho procurou trazer uma contribuição aos estudos das Teorias de Jornalismo. Nossa proposta foi observar como os ataques sofridos pelos profissionais na cobertura do Cercadinho do Alvorada poderia representar uma ameaça à liberdade de imprensa e ao *ethos* do jornalista. A partir de pesquisa bibliográfica e de entrevistas em profundidade, concluímos que, mesmo não havendo censura oficial, os ataques do presidente Jair Bolsonaro e seus apoiadores a jornalistas constituem uma ameaça à liberdade de imprensa, garantida pelos artigos 5º e 220º da Constituição Federal e no Código de Ética dos jornalistas, e ao próprio *ethos* do jornalista.

O jornalista sob ataque e com seu trabalho dificultado implica ameaça e menor dedicação profissional (HUGHES, 1963, apud TRAQUINA, 2005a). Durante o período do cercadinho, Jair Bolsonaro conduziu o que ele queria que fosse notícia, ou seja, uma forma de limitar o pensamento crítico da sociedade. O presidente respondeu perguntas específicas, não respondeu outras. Ao desistir da cobertura do Alvorada in loco, o jornalismo recuou e perdeu espaço de comunicar os fatos e “não pode haver maior desgraça do que recuar perante a divulgação, franca e exata, dos fatos, tal e qual são. Somos obrigados a dizer a verdade, tal e qual a encontramos, sem medo das consequências” (TRAQUINA, 2005a). Em nenhum momento os jornalistas foram formalmente impedidos de fazer seu trabalho, mas o exercício da profissão foi dificultado desde o início do governo de Bolsonaro.

Se entendemos que “democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo sem liberdade ou é farsa ou é tragédia” (TRAQUINA, 2005a, p. 23), podemos inferir que quando o presidente não respeita o trabalho dos jornalistas e os agride verbalmente ataca também a democracia do país. Durante a cobertura do cercadinho, concluímos que os jornalistas seguiram o artigo 9º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, que diz que o profissional deve “opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem”, e o artigo 10º, no qual se lê que o profissional não pode “concordar com a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, políticos, religiosos, raciais, de sexo e de orientação sexual”.

Por parte das empresas de comunicação, faltou exigir do governo, já que se trata de uma área federal, uma segurança especializada para garantir o trabalho da imprensa, e empreender um esforço para encontrar alternativas mais seguras para seus profissionais durante a cobertura. Identificamos ainda um certo conformismo e resignação dos jornalistas diante de suas chefias, que talvez não tenham agido com a energia necessária em relação às ameaças. Cabe ainda ressaltar o enfraquecimento e desarticulação da organização política dos profissionais por meio dos sindicatos e mesmo de outras entidades representativas que seriam fundamentais na defesa da categoria nos episódios de violência.

O discurso do presidente pode ser lido como uma estratégia para criar um ambiente de esgotamento dos profissionais e de aparente irrelevância dos veículos de imprensa. A ausência de estrutura, segurança e respeito com os jornalistas afetou a saúde e a moral dos profissionais. Os obstáculos para o acesso à informação, como a constante mudança de regras para o ingresso da imprensa no Alvorada, causaram desgaste e estresse nos profissionais. A falta de segurança, a relação hostil dos apoiadores e do presidente com a imprensa, os gritos e as ameaças, os xingamentos e possíveis agressões afetaram a saúde mental dos jornalistas a ponto de até mesmo pedirem para serem retirados das coberturas. Para se proteger, os jornalistas passaram a autocensurar os questionamentos ou a maneira como abordar alguns assuntos dentro do cercadinho por temor de retaliações.

Os jornalistas continuam a temer a perseguição física e virtual dos apoiadores, e um exemplo está na dificuldade para colher depoimentos sobre a cobertura do cercadinho do Alvorada. As atitudes de Bolsonaro se perpetuaram não só no Brasil, como em eventos fora do país. O que demonstra uma intenção de desmoralizar e desrespeitar a imprensa por si só. Como resultado, o Brasil passou a ocupar, em 2020, a 107ª posição (UM..., 2021) e em 2021, a 111ª colocação no Ranking Mundial da Liberdade de Imprensa 2021 elaborado pela Repórteres Sem Fronteiras, e foi inserido na zona vermelha³¹ do Índice pela primeira vez. Ainda em 2021, a RSF incluiu Bolsonaro em sua lista global de predadores da liberdade de imprensa (IMPrensa..., 2021).

³¹ A zona vermelha, com 35,01 a 55 pontos, é assim indicada a partir do cartão de liberdade de imprensa, criado pela Organização Repórteres Sem Fronteiras para avaliar o desempenho da liberdade de imprensa nos países. O Brasil soma 36,25 pontos no critério e está em situação considerada difícil. Mais informações em: <https://rsf.org/fr/methodologie-detaillee-du-classement-mondial-de-la-liberte-de-la-presse> Acesso em 27/11/2021.

Ainda que sem a presença assídua no cercadinho, o presidente perpetua seu discurso de ódio e ataque contra a imprensa. Durante os primeiros seis meses de 2021, ano em que este artigo foi escrito, o número de ataques do chefe de Estado brasileiro contra a imprensa aumentou 74% em relação ao segundo semestre de 2020 (UM..., 2021). O ano de 2021 ainda foi marcado por uma série de ataques virtuais ou presenciais à imprensa. Com ou sem cercadinho, o objetivo é cercear e limitar o poder de noticiar e gerar pensamento crítico para a sociedade.

6. Referências bibliográficas

- ABREU, Diego. STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista. *G1*, Brasília, Brasil, 17 junho 2009. Disponível em: [G1 > Brasil - NOTÍCIAS - STF derruba exigência de diploma para exercício da profissão de jornalista \(globo.com\)](https://g1.globo.com/brasil/noticias/STF-derruba-exigencia-de-diploma-para-exercicio-da-profissao-de-jornalista) Acesso em 23/11/21.
- AGUIAR, Leonel; BARSOTTI, Adriana. O jornalismo e os dilemas da contemporaneidade: o eu, o aqui e o agora. *Mídia e Cotidiano*, s. l, dez. 2016, p. 192-209.
- ANDRADE, Hanrrikson. Para driblar a imprensa, Bolsonaro cria área vip de sua claqué no Alvorada, <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao> UOL. Publicado em 11/06/2020. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/11/bolsonaro-dribla-imprensa-e-cria-area-vip-para-claque-no-alvorada.htm> Acesso em 07/11/2021.
- BARATA, Joan. Covid-19: o papel dos operadores jurídicos na proteção e na promoção do direito à liberdade de expressão: diretrizes. Unesco Digital Library, 2020. Disponível em https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374208_por . Acesso em 11/05/21.
- BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de Telejornalismo: Os segredos da notícia na TV*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2002.
- BARBOSA, Rui. *A imprensa e o dever da verdade*. São Paulo: Com-Arte; Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- BARROSO, Luís Roberto. *Sem data venia: um olhar sobre o Brasil e o mundo*. Rio de Janeiro: Editora História Real, 2020.
- BERTHO, Helena. Por que os ataques de Bolsonaro a jornalistas são um problema? *Revista AZ Mina*, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/por-que-os-ataques-de-bolsonaro-a-jornalistas-mulheres-sao-um-problema/> Acesso em 23/11/2021.
- COMO o presidente Bolsonaro tenta, metodicamente, silenciar a imprensa crítica. *Repórteres sem Fronteiras*, 16 abr. 2020. Disponível em:

<https://rsf.org/pt/noticia/como-o-presidente-bolsonaro-tenta-metodicamente-silenciar-imprensa-critica> Acesso em 12/10/2021.

CONSTITUIÇÃO. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

COURI, Norma. O Jornalismo e as mulheres. *Observatório da Imprensa*, 09 mar.

2021. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/genero-e-inclusao/o-jornalismo-e-as-mulheres/> . Acesso em 23/11/2021.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2010.

EMBAIXADA da França no Brasil. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, 13 jan. 2017. Disponível em: <https://br.ambafrance.org/A-Declaracao-dos-Direitos-do-Homem-e-do-Cidadao>. Acesso em 27/11/21.

FENAJ. Relatório Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil. Fenaj, 2021. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf . Acesso em 16/11/2021

FENAJ. Linha do Tempo com os ataques de Bolsonaro à imprensa no ano. Fenaj, 2020. Disponível em <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/10/LINHA-DO-TEMPO-2020-jan-set.pdf> Acessado em 01/05/21.

FERREIRA, Gabriela. Jornalismo do Esgotamento: Estudo Sobre o Trabalho Jornalístico na Pandemia e seus Reflexos na Saúde dos Jornalistas. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2207-1.pdf> Acesso em 30/11/21.

FIDALGO, Antônio. Especificidade Epistemológica do Jornalismo - Desfazendo uma ilusão do jornalismo cidadão. In: CARDOSO, Gustavo; CÁDIMA, Francisco Rui; CARDOSO, Luís Landerset (Orgs.). *Media, Redes e Comunicação*, Lisboa: Obercom, 2009, pp. 219-230. Disponível em: <http://webx.ubi.pt/~fidalgo/antonio-fidalgo-especificidade-epistemologica-jornalismo.pdf> Acesso em 23/11/2021.

FILHO, João. Todos nessa foto prometeram jamais receber dinheiro do governo - A maioria recebeu. The Intercept Brasil, 01 mar. 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/03/01/allan-terca-livre-governo-bolsonaro/> Acesso em: 07/11/2021.

FOLHA, Globo e Band decidem não enviar mais repórteres para o Alvorada. Poder360, 25 mai. 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/folha-e-globo-decidem-nao-enviar-mais-reporteres-para-a-frente-do-alvorada/> Acesso em 07/11/2021.

FOLHA suspende temporariamente cobertura no Alvorada por falta de segurança. Folha de São Paulo, Brasília, 25 mai. 2020. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/folha-suspende-temporariamente-cobertura-no-alvorada-por-falta-de-seguranca.shtml> Acesso em 12/05/21.

GÊNERO E NÚMERO; ABRAJI. Mulheres no Jornalismo Brasileiro, 05 dez. 2017.

Disponível em: https://www.mulheresnojornalismo.org.br/12901_GN_relatorioV4.pdf Acesso em 23/11/2021.

HELENO diz que jornalistas "devem fingir" que não ouvem ofensas no Alvorada, UOL, 2020. Publicado em 28/05/2020. Disponível em

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/28/helena-diz-que-jornalistas-devem-fingir-que-nao-ouvem-ofensas-no-alvorada.htm> Acesso em 07/11/2021.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. Jornalismo Brasileiro. *Revista PJ:Br*, USP, 1º Semestre de 2004. Disponível em:

http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos3_b.htm#:~:text=Em%201943%2C%20por%20meio%20do,faculdade%20de%20Jornalismo%20do%20Brasil. Acesso em 31/10/21.

IMPrensa brasileira, verdadeiro saco de pancadas da família Bolsonaro: uma tendência que se intensifica em 2021. *Repórteres sem Fronteiras*, 27 jul. 2021. Disponível em:

<https://rsf.org/pt/relacoes/um-ano-sombrio-para-liberdade-de-imprensa-no-brasil-580-ataques-contramidia-em-2020>. Acesso em 12/10/21.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul - Manual de Comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LOLE, Ana; STAMPA, Inez; GOMES, Rodrigo (Orgs.). *Para além da quarentena: Reflexões sobre crise e pandemia*. Mórula Editorial, 2020. Disponível

em: <https://morula.com.br/wp-content/uploads/2020/06/ParaAlemDaQuarentena.pdf> Acesso em 13/05/21.

MACHADO, Jónatas E. M. *Liberdade de expressão*. Coimbra, Portugal: Ed. Coimbra, 2002.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. *Folha de São Paulo*, Política, Eleições 2018, 18 ago. 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contrao-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em 27/11/21.

MELLO, Patrícia Campos. *A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos> Acesso em 27/11/2021.

PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Vol. I Nº 2 - 2º Semestre de 2004 (trad. Paulo da Rocha Dias).

RIBEIRO, Janaína. Sem banheiro ou água, jornalistas relatam restrições em posse de Bolsonaro. *Exame*, Brasil, 01 jan. 2019. Disponível em:

<https://exame.com/brasil/jornalistas-relatam-serie-de-restricoes-em-posse-de-bolsonaro/> Acesso em 02/11/2021.

ROSA, João Luiz. Pandemia faz disparar onda de 'fake news'. *Valor Econômico*, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em:

<https://valor.globo.com/empresas/noticia/2020/04/20/pandemia-faz-disparar-onda-de-fake-news.ghtml>. Acesso em: 25 set. 2021.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. Saúde mental de jornalistas foi prejudicada em 2020.

Jornal da USP, Rádio USP, 14 dez. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/saude-mental-de-jornalistas-foi-prejudicada-em-2020/> Acesso em 24/11/2021.

TAMBOSI, Orlando. Tobias Peucer e as origens do jornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Vol. 1, nº 2 - 2º Semestre de 2004, p. 50 - p. 58

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2005a. v. 1.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2005b. v. 2.

UM ano sombrio para a liberdade de imprensa no Brasil. *Repórteres sem Fronteiras*, Relações, 22 jan. 2021. Disponível em: <https://rsf.org/pt/relacoes/um-ano-sombrio-para-liberdade-de-imprensa-no-brasil-580-ataques-contramidia-em-2020>. Acesso em

01/05/21.

UNESCO. Protegendo a liberdade de expressão durante a crise de covid-19: UNESCO publica Diretrizes para Operadores Jurídicos, 2020. Disponível em:

<https://pt.unesco.org/news/protegendo-liberdade-expressao-durante-crise-covid-19-unesco-publica-diretrizes-operadores> Acesso em 11/05/21

UNESCO. Liberdade de expressão no Brasil, s/d. Disponível em:

<https://pt.unesco.org/fieldoffice/brasil/expertise/freedom-expression-brazil> Acesso em 31/10/2021.

VARONI, Pedro. A queda do cercadinho e a coragem da verdade. *Observatório da Imprensa*, n. 1139, 25 maio 2021. Disponível em:

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/dilemas-da-imprensa/a-queda-do-cercadinho-e-a-coragem-da-verdade/>. Acesso em: 25/09/21